

Armando  
Ferreira  
da  
Silva

REVISTA DA FACULDADE DE LETRAS

**Ciências e Técnicas  
do Património**

UNIVERSIDADE DO PORTO

**Homenagem a  
Armando Coelho Ferreira da Silva**

**Volume XII PORTO 2013**

TÍTULO REVISTA DA FACULDADE DE LETRAS – CIÊNCIAS E TÉCNICAS DO PATRIMÓNIO

DIRETOR Presidente do Departamento de Ciências e Técnicas do Património  
Rui M. S. Centeno

COORDENAÇÃO Rui M. S. Centeno; Teresa Soeiro; Paula Menino Homem

SECRETARIADO Departamento de Ciências e Técnicas do Património  
Faculdade de Letras da Universidade do Porto  
Via Panorâmica, s/n • 4150-564 PORTO PORTUGAL  
Telefone: 22 607 01 00 • Telefax: 22 600 38 25  
e-mail: dctp@letras.up.pt

EDITOR Faculdade de Letras da Universidade do Porto

CONCEPÇÃO GRÁFICA INVULGAR - ARTES GRÁFICAS

PERIODICIDADE Publicação Anual

TIRAGEM 150 Exemplares

ISSN 1645-4936

DEPÓSITO LEGAL 239657/06

# *Alto Douro vinhateiro, paisagem cultural*

José d'ENCARNAÇÃO  
CPES

## **Resumo**

Em jeito de recensão crítica à tese de doutoramento de Laura Verdelli, intitulada «**Héritages fluviaux, des patrimoines en devenir** – Processus d'identification, protection et valorisation des paysages culturels en France, Portugal et Italie : quelques exemples significatifs», tecem-se considerações acerca da importância cultural do rio Douro, explicitando-se as vantagens da valorização desse património e os inconvenientes susceptíveis de resultar de uma inadequada utilização.

**Palavras-chave:** Douro, paisagem classificada; rios, património cultural.

## **Abstract**

A note about the Laura Verdelli's thesis «**Héritages fluviaux, des patrimoines en devenir** – Processus d'identification, protection et valorisation des paysages culturels en France, Portugal et Italie : quelques exemples significatifs». The most significant aspects of the river Douro as cultural landscape and his traditional specificity – to preserve and develop!

**Keywords:** River Douro, cultural landscape.

## **1. Introdução**

Foi atribuída, por unanimidade, a mais alta classificação – «Muito bom com louvor» – à tese defendida a 5 de Dezembro de 2008, na Universidade François Rabelais de Tours, pela Lic. Laura Verdelli, em que muito se falou do Alto Douro Vinhateiro como paisagem cultural.

Intitulada «**Héritages fluviaux, des patrimoines en devenir** – Processus d'identification, protection et valorisation des paysages culturels en France, Portugal et Italie : quelques exemples significatifs», a dissertação foi integrada no regime de co-tutela entre aquela universidade francesa e a Universidade de Coimbra.

Um trabalho em que se analisaram em simultâneo três bacias hidrográficas – a do Douro, a do Loire e as dos cursos de água que envolvem Milão (os vales do Ticino, do Ada e uma parte da do Pó)... – do ponto de vista das transformações que elas podem vir a ter, nas ilusões que acarreta, nos projectos que determina a introdução, aí, de uma tónica cultural motivada pela sua elevada classificação, pela UNESCO, como «Património da Humanidade». Por isso, foram entidades de acolhimento da pesquisa, pela parte de Tours, o Centre Interdisciplinaire Cités, Territoires, Environnement et Sociétés, na disciplina de «Aménagement de l'Espace et Urbanisme» (orientador: Serge Thibault) e, por Coimbra, o Centro de Estudos Arqueológicos das Universidades de Coimbra e Porto, na área de Museologia e Património Cultural (cabendo-me a mim a função de co-orientador).

Deram parecer prévio favorável à apresentação do trabalho os doutores Joëlle Burnouf (Université de Paris I – Sorbonne) e Daniele Pini (da Faculdade de Arquitectura da Universidade de Ferrara – Itália), que também integraram o júri e entrevistaram nas provas, assim como os demais membros: José Aguiar (presidente da secção portuguesa do ICOMOS e professor da Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa), os orientadores e Michel Lussault, da Escola Normal Superior de Tours, que presidiu à sessão.

Para além da introdução e da conclusão, o trabalho divide-se em três partes (e doze capítulos): «A afirmação da paisagem enquanto recurso cultural», «Impactes das inscrições [como paisagem cultural no quadro da UNESCO] nas dinâmicas locais» e «Para uma síntese das transformações em curso».

Há natural diversidade de actuações em cada um dos países em relação às bacias hidrográficas em apreço; no entanto, as dinâmicas determinadas, a análise em conjunto da legislação aplicável e a comparação entre as medidas que estão a ser adoptadas em cada caso transformam o livro – que ainda espero possa vir a ser publicado – num precioso e inovador vade-mécum para questões de património paisagístico e ambiental, nomeadamente no que aos cursos de água diz respeito.

## **2. A abordagem**

Apresentou a Dra. Laura Verdelli uma dissertação que primou pela originalidade, quer na sua concepção, quer no tema, quer nos objectivos a atingir.

Na verdade, na perspectiva de ordenamento de um dado território – neste caso, o rio e a sua bacia hidrográfica – pensar nas transformações que ele pode vir a ter, nas ilusões que acarreta, nos projectos que determina a introdução, aí, de uma tónica cultural motivada pela sua elevada classificação, pela UNESCO, como «património da Humanidade» – constitui, de facto, um enquadramento ambicioso e bem sedutor.

E tal ambição ainda se torna maior quando, em vez de um rio num determinado país, se encara a possibilidade de, em termos comparativos, se analisarem em simultâneo três bacias hidrográficas – a do Douro, a do Loire e as dos cursos de água que envolvem Milão (os vales do Ticino, do Ada e uma parte da do Pó) – que têm muito em comum, mas que possuem também características próprias, potenciadoras de novos olhares e novos desafios.

Docente de Património Cultural, encarando esta noção com a polivalência que hoje se atribui ao conceito de paisagem humanizada, de território com gente dentro

e fauna e flora típicas, colheu-me, a princípio, de surpresa a proposta da Dra. Laura Verdelli de ser co-orientador da sua dissertação de doutoramento, na medida em que o rio Douro seria um dos pólos fortes da sua pesquisa; mas, depois, abracei a causa com todo o entusiasmo.

Primeiro, porque a paisagem duriense e a tradição dos seus vinhos me encantam; depois, porque a descoberta, não há muito tempo, das gravuras rupestres de Foz Côa, a demonstrar uma humanização dessa paisagem desde os primórdios da Humanidade, encontrara em mim um grande eco, tendo sido, naturalmente, um dos defensores da sua manutenção ao ar livre, no seu habitat, pois só assim o visitante captaria o seu real alcance e compreenderia cabalmente o Génio que dessas paragens em longos silêncios se desprende...

«Heranças fluviais, patrimónios em devir» – era todo um programa de acção, sobretudo porque se necessita de ter em linha de conta os variados parâmetros de um «processo de identificação, de protecção e de valorização». A paisagem cultural como Construção, Identidade e Dimensão Temporal, porque entendida quase como um ser vivo em evolução, ou porque, por outras eloquentes e bem sugestivas palavras, «o território nasce da fecundação da Natureza pela Cultura»!

Aceitei, pois, de muito bom grado o desafio. Sim, de um desafio se tratava, como a própria doutoranda o reconhece: o desafio a que ousou meteu ombros era seu, mas era-o também – e ainda mais! – dos seus dois orientadores!

### **3. Porto, cidade da água**

Tive ensejo de vir a saber, no decorrer destes anos de convívio, que Laura Verdelli é, podemos dizer, uma «viajante militante».

Tive ecos das suas viagens nas mais variadas partes do mundo, colhendo as experiências mais díspares, enriquecendo-se com mundos muito diversos da sua Itália e mesmo de França ou de Portugal. Aliás, confessa logo no início do trabalho que o encontro, «quase fortuito, com uma cidade de água, o Porto», onde passou um ano como «pioneira» do programa ERASMUS, em 1989 e 1990, lhe permitiu descobrir até que ponto esta proximidade da água «pode estruturar a existência (da cidade em si e dos indivíduos)».

E continua:

«A experiência prosseguiu com um diploma de Arquitectura que teve como tema o património arquitectónico de origem portuguesa duma cidade do litoral marroquino».

Claro que muito me congratulo com essas benéficas influências!

E assim, no seu subconsciente, foi gizando a Dra. Laura perspectivas de pesquisa, «entre terra e água, entre cidade, património e paisagem», num projecto, que é amplo, «de vida em sociedade». Com muita paixão também, não se pode negar.

Nesse sentido, consciente de que a apetência para as viagens acabou por influenciar a escolha do tema, a primeira questão que se me pôs foi a seguinte:

– Depois de mais esta viagem feita – pelo Alto Douro Vinhateiro, pelo vale do Loire, pelos vales da sua Itália setentrional – será que, em linhas gerais, os objectivos de uma alta classificação como esta (de «Património da UNESCO») estão a ser conseguidos? Ou, dizendo de outra forma, haverá aqui muito de utopia e pouco de realidade? Será, de facto, a água, símbolo e mito, «catalisador de novos espaços sociais»? Este património

das paisagens culturais, elemento propiciador do reencontro com uma identidade social e territorial? Estará este novo conceito a entrar, pouco a pouco, na mentalidade da população e, sobretudo, dos seus governantes?... Ou ainda: haverá, aqui, lugar para uma pesquisa intelectual? Carecem de... prévia reflexão científica as inovações a introduzir, as adaptações a fazer, os novos procedimentos? Há que periodicamente organizar colóquios ou mesmo congressos sobre este tema? E, nesses, que lugar para a componente cultural, científica, a par da tónica empresarial e económica? Será que os políticos estão despertos para esta realidade nascente?

De imediato, pois, o aparecimento de questões. Era inevitável, porque estamos perante um tema que não deixa indiferente quem quer que seja, pelas múltiplas facetas que o envolvem. Este é um domínio, aliás, onde a legislação local, regional, nacional e europeia tem sido fértil e esta dissertação apresenta-se como precioso repositório de todas essas convenções, declarações, princípios... Diria mesmo que ficámos nas mãos com um autêntico vade-mécum para quem queira debruçar-se sobre estas temáticas.

#### 4. A bacia hidrográfica do douro

Manifesta Laura Verdelli ter adquirido conhecimentos bem actualizados acerca da situação portuguesa. Creio que nada lhe terá escapado.

Toda a problemática em redor das gravuras de Foz Côa, esperanças, desilusões e novas perspectivas; a questão do vinho do Porto «que não é do Porto» e – tal como outros – é susceptível de contrafacções; a rendibilidade; a poesia dos Outonos amarelados e castanhos (tão bem captados na sua morna dolência pela indiscreta objectiva de Romeo Carabelli...); os passeios turísticos: os cruzeiros fluviais, a rota das amendoeiras floridas, as viagens num comboiozinho de antigamente... e as infra-estruturas de apoio recentemente criadas... (Fig. 1). Tive ocasião eu próprio de, a 6 de Outubro de 2007, fazer um cruzeiro Douro acima desde Peso da Régua até ao Pinhão. Passámos asclusas; fotografámos garças; almoçámos a bordo; e... vimos um Douro de cuja existência não suspeitávamos, de leito mais largo... (Fig. 2) E perguntava-me a mim próprio: não estamos a alterar o que era realmente típico? Não podemos estar a correr o risco de «matar a galinha dos ovos de ouro»? Cita-se, a este propósito, Rafael Alfenim, técnico da Direcção Regional da Cultura do Alentejo, que diz expressamente:

«Não matem a galinha dos ovos de ouro, os equilíbrios ambientais são frágeis, as paisagens alteram-se e degradam-se com facilidade e, quando começarmos a tomar consciência de que a agricultura na região tende a confinar-se à produção de “greens” já será tarde demais»<sup>1</sup>.

Situa-se a dissertação na área de Museologia. Houve, pois, uma atenção ao museu-memória de Vilarinho das Furnas (com evidente paralelismo na experiência da Aldeia da Luz e do seu museu, memória de uma vivência d'outrora): «Le musée, un nouveau visage pour un nouvel acteur», anota-se. E acrescenta-se, seguindo o mesmo diapasão, em jeito de proposta a reivindicar:

---

<sup>1</sup> In LOPES, M. C., «Guadiana, marca profunda cravada na paisagem aplanada do Sul», *I fiumi come Infrastrutture Culturali / Rivers as Cultural Infrastructures*, Editrice Compositori, Bolonha, 2005, p. 96. O texto saiu, por lapso, sob o nome de Maria Conceição Lopes, mas é da autoria de Rafael Alfenim.

*Seul lueur d'espoir pour la poursuite de l'activité culturelle de la région, un réseau de musées, en particulier de musées du territoire et de musées archéologiques, qui est en train de se constituer (de façon plus ou moins spontanée), à l'initiative de municipalités désireuses de promouvoir une composante patrimoniale, et de préserver les facteurs structurants et historiques de l'identité locale, en les relayant au milieu fluvial, et en faisant appel au pouvoir mémoriel et identitaire du cours d'eau.*

### 5. O equilíbrio ambiental

E ocorre, por consequência, interrogarmo-nos: do ponto de vista ambiental, não se estará a correr o risco de ali poderem vir a gerar-se tensões geológicas e aquíferas de mui difícil sustentação a médio prazo?

Sabe-se, por exemplo, como é que surgiu o Mar de Aral, um mar salgado: não tendo escoamento as suas águas, carregadas dos sais minerais que absorviam dos terrenos por onde passavam, esses sais foram-se acumulando no fundo e... não seguiam para... salgar o mar! Se não se pensar nisso a sério, a grande albufeira do Alqueva, por exemplo, pode vir a transformar-se... num enorme lago salgado, com todas as consequências ambientais que isso implica! Poderá vir a temer-se algo de semelhante no rio Douro, que tanto fascinou a autora, que escreve: «Vistos de cima, os vinhedos são multidão de pirâmides aztecas»!... Ou, ainda, que o rio acaba por pertencer não apenas aos Portugueses mas a todos os cidadãos do mundo *qui ont appris à célébrer chaque grand moment de leur vie ou de la destinée des nations avec un verre de vin de Porto!*

Urge, consequentemente, conciliar «as funções de conservação, de equilíbrio ambiental, de recreio e turismo, de espaço habitacional de qualidade e de preservação da identidade local»; importa que, «dentro dos conceitos emergentes de património», se desvaneça «a suposta dicotomia entre cultura e natureza». Vamos contribuir para que deixem de ser «embrionárias» as «tentativas de cruzar os dois aspectos», de modo que não apenas se tenha apoio por parte «das disciplinas “ecológicas” em termos de teoria» e haja, outrossim, cada vez mais entidades a terem estas noções «em termos de prática», «no espaço, no tempo e na sociedade».

### 6. O novo olhar

E a Dra. Laura Verdelli acentua mui perspicazmente esses novos aspectos: a concepção de «metrópole-jardim», tão em voga nos conceitos urbanísticos dos anos 70, cedeu lugar – **deve ceder lugar** – à concepção mais alargada e harmónica de «jardim sustentável» em desenvolvimento. «Introduzir a variável “património cultural” na planificação» – explicita – «significa preparar a herança futura, não somente em termos de conservação, protecção, reabilitação e valorização do passado mas também em termos de projecto coerente, a fim de orientar as transformações físicas de tipo cultural».

Paulatinamente, todas estas preocupações deverão deixar de ser apenas «a preocupação tradicional das elites» para passarem a constituir sensibilização de camadas mais vastas da sociedade, «vindo a definir-se como um espaço possível para o exercício da cidadania» – numa metodologia interdisciplinar.

E forçosamente terão de o ser, atendendo a um outro aspecto com que diariamente somos confrontados através da Comunicação Social e que também aqui é

mui justamente abordado: as necessárias interferências entre as práticas e os riscos de inundação.

Por isso, cada vez mais os núcleos populacionais se voltam urbanisticamente para os rios – e esse é um aspecto que vem bem salientado na sua pesquisa – reabilitando as margens fluviais, lutando as autarquias para que se respeite o leito de cheia e se usufrua amplamente da beleza multicolorida dos cursos de água e o território envolvente. O rio, uma infra-estrutura que, «abandonada ao longo do final do século XIX e na primeira metade do século XX, pode ser reactivada agora através da sua readaptação», escreve Laura Verdelli. E também a pesca desportiva – com o necessário repovoamento das espécies – é aspecto a não menosprezar!

Não resisto a dar dois exemplos que, nesse aspecto, se me afiguram eloquentes. Refere-se o primeiro à cidade espanhola de Valência: devido às constantes inundações, o rio Turia, que atravessava a cidade, foi desviado para fora do aglomerado urbano e o seu leito primitivo foi aproveitado para zona de lazer (Fig. 3): 8 km de comprimento, no meio da cidade!... Prende-se o segundo com a vila de Boticas, onde, aliás, devido também ao dinamismo do Doutor Armando Coelho, se inaugurou, a 24 de Maio de 2012, o CEDIEC – Centro Europeu de Documentação e Interpretação da Escultura Castreja<sup>2</sup>. Pois em Boticas houve por bem o município não encanar o Rio Terva, que lhe passa a meio, mas sim colocá-lo inteiramente a céu aberto, ajardinar-lhe as margens (Fig. 4), de forma que a população dele pudesse calmamente usufruir. É essa nova mentalidade que se preconiza.

Permita-se-me, neste passo, atender à minha outra vertente científica, a de investigador em Epigrafia romana, e fazer alusão a uma das primeiras medidas tomadas pelo imperador Augusto, usando da sua autoridade política sancionada pela lei e pela religião: a metódica e rigorosa colocação de marcos na cidade de Roma, a fixar os limites do rio Tibre, ou seja, o espaço a partir do qual não se poderia construir (Fig. 5). Políticas mestras que cedo se olvidam, e é pena!...

Sublinha a Dra. Laura Verdelli:

«Os espaços periurbanos ao longo dos rios, mesmo sendo zonas de crescimento urbano potencial, são objecto de pedidos em matéria de uso recreativo e alimentam muitas expectativas quanto à qualidade da vida (pulmão verde, paisagem, património natural e cultural, ambiente aquático, actividades desportivas). Evidentemente, o futuro destes espaços periurbanos e, especialmente, a integração deles nos documentos de planificação e nos programas específicos de desenvolvimento sustentável, estão no cerne das preocupações dos agentes e dos planificadores locais».

Compreende-se bem porquê!

No entanto, a crise económico-financeira ora mundialmente instalada determinará, necessariamente, essa nova orientação. «As políticas urbanas são cada vez mais forçadas a prestar atenção a uma área que reside fora da cidade propriamente dita, incluindo zonas naturais e/ou agrícolas», afirma a Dra. Verdelli. E estamos de acordo com ela, porque, para além do que atrás se disse, uma utilização agrícola, de pequenas hortas em lugares propícios na margem dos cursos de água, se torna cada vez mais premente, em

<sup>2</sup> Veja-se a sugestivo catálogo *Os Senhores da Guerra*, editado pela Câmara Municipal de Boticas, 2012 (ISBN: 978-972-97695-3-5), texto e maquetização do próprio Armando Coelho Ferreira da Silva.



todos os aspectos da vivência humana – psicológico, social e económico até! Recordo um dos exemplos que bem conheço: o da comuna de Ris-Orangis, em plena zona suburbana (digamos assim) de Paris, em que aos moradores nos HLM foi atribuído um espaço para horta e para jardim (Fig. 6), segundo regras de utilização bem precisas<sup>3</sup>.

No âmbito económico, há um dado nesta investigação que se me afigura também de interesse realçar. Trata-se de uma frase lapidar, aliás, o título do subcapítulo 6.1: «Un fleuve de civilisation – Quand le ru était une rue».

Recordo que uma das minhas formandas, Maria Luísa de Albuquerque Melo, tendo ido estagiar em Constância, povoação que fica na confluência do Zêzere com o rio Tejo, preparou, como trabalho de estágio, uma exposição, de grande êxito, a que deu o sugestivo título de «Quando os rios eram estradas», pois através do Tejo se faziam, de preferência, todas as deslocações de pessoas e de bens<sup>4</sup>. Houve grande empenho por parte da comunidade em ceder fotografias e objectos, inclusive uma que outra embarcação já em desuso, e tudo isso acabou por constituir o embrião do Museu dos Rios e das Artes Marítimas, que viria a ser inaugurado em 1998, com a função de «conservar e divulgar as memórias dos tempos em que Constância vivia das actividades fluviais, em especial o transporte da pesca», como se lê na apresentação do espaço.

É certo que esse aspecto económico – o do transporte fluvial – nos levaria a abordar outras problemáticas; contudo, ocorrerá perguntar se, num mundo que se pretende cada vez menos dependente do petróleo, não poderão os rios voltar a ser um meio de comunicação cómodo, eficaz, de baixo custo e não-poluidor.

## 7. Em conclusão

Estamos perante uma panóplia de questões facilmente despertadas e consciencializadas através da análise de um tema tão aliciante como este de se olhar para os rios e para todas as potencialidades que deles dimanam, mormente, como é o caso, em que as suas bacias hidrográficas merecem a classificação de paisagem cultural.

Naturalmente que o livro de Laura Verdelli não se esgota nas considerações atrás expendidas. Temas como a nova arquitectura das adegas – um desafio a vultos importantes da arquitectura contemporânea<sup>5</sup> – e a tão oportuna campanha do *slow food* também não escaparam à sua argúcia.

Trata-se, em suma, de uma exposição fruto de aturada pesquisa, muito bem

---

<sup>3</sup> Saliente-se, a propósito, o facto de, mesmo sem obediência a um expresso plano camarário mas aleatoriamente, as gentes das cidades estarem a procurar aproveitar as nesgas de terra em torno das cidades, inclusive taludes de eixos rodoviários, para aí implantarem as suas hortas: é, de certo modo, o retorno à terra, cuja necessidade se sente não apenas do ponto de vista psicológico mas até económico. Veja-se, a título de exemplo, a reportagem «O cultivo no betão da cidade», texto de Francisco Colaço Pedro, fotos Patrícia Moreira, *Plenitude* n.º 72, Junho 2009, pp. 64-69.

<sup>4</sup> Há três exemplares do catálogo na Biblioteca Municipal Alexandre O'Neill: «Quando os Rios eram Estradas: memórias do Tejo e do Zêzere em Constância», de Maria Luísa de Albuquerque Melo, Câmara Municipal de Constância, 1993. A exposição foi inaugurada no dia do município, 10 de Junho, e esteve patente durante vários meses, aberta, de modo especial, à população estudantil. E assim se cimentou comunidade.

<sup>5</sup> Recorde-se a Adega Mayor, inaugurada no ano de 2007, em Rio Maior, traça de Siza Vieira, considerada a primeira obra de autor nesse domínio.

estruturada – a longa e bem alicerçada introdução teórica, por exemplo, é de relevar, porquanto se revela indispensável à boa compreensão do tema e do seu tratamento.

Um texto que dá gosto ler e que, caso venha a ser publicado (como espero, nem que seja em formato digital), será, sem dúvida, da maior utilidade e de elevado prestígio para as duas universidades, a de Tours e a de Coimbra, em cujo seio nasceu, nesta eterna e bem frutuosa ligação entre o Passado, o Presente e o Futuro.



Fig. 1 – Promoção do Douro



Fig. 2 – Passeio no Douro



Fig. 3 – Valência



Fig. 4 – Boticas

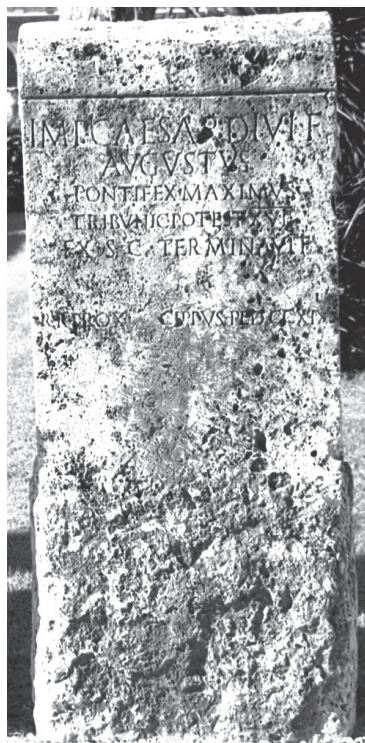


Fig. 5 – Marco do Tibre



Fig. 6 – Hortas comunitárias em Ris-Orangis